

Suplemento Cultural

Homenagem de “grego” (Em defesa de Manoel de Barros)

JOSÉ PEDRO FRAZÃO – escritor e jornalista, membro da ASL

Quase sempre quando morre uma pessoa ilustre, a sociedade, por seus meios formais, procura homenageá-la, num ato de reconhecimento e louvor pelos feitos nobres ou pela boa reputação do finado, na tentativa de perpetuar sua memória na memória coletiva. É uma espécie de imortalidade honorífica, que, inclusive, alguns usufruem ainda em vida, muito embora o costume propugne a memória póstuma.

O inconveniente desse tipo de homenagem é que, muitas vezes, ao invés de exaltar o agraciado, mancha-o, infama-o, enloda-o. E como ele não pode recusar (nem se defender), a sua “vida” pós-morte fica à mercê da índole e da inteligência dos que protagonizam benditas ou malditas honrarias. Assim, é possível que a honraria venha a se tornar pouco honrosa, deixando a memória do morto, ironicamente, “morta de vergonha”.

Ao chegar a Aquidauana, no ano da emancipação de MS (1977), conheci nos jornais a figura que seria a primeira vítima póstuma: o engenheiro gaúcho Harry Amorim Costa, nomeado em 1978 para ser o primeiro governador do novo estado e que teve sua vida ceifada em 1988.



MANOEL DE BARROS – Com Colar Acadêmico da ASL, em momento de descontração

Quando Harry “pensou” que fosse descansar em paz, políticos ávidos de ostentação se assanharam para prestar-lhe ‘homenagens’ e saíram procurando alguma coisa ou um lugar onde colocar o seu nome. O tombado centauro dos pampas não imaginaria que sua memória, tal qual sua morte, também seria trágica. É certo que não lhe faltaram ruas, estátuas e até crianças recém-nascidas para serem batizadas com o seu nome. Porém, a homenagem outorgada pelos notoriomaníacos (movidos pela vaidade de aparecerem mais que o defunto) tirou a paz do ilustre finado: deram o nome dele ao presidio de segurança máxima de Dourados.

“

Manoel de Barros era discreto, não tinha vaidade, nem pressa, como bem declarou: *‘Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis’* e *‘Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos’*”

De lá pra cá, a lembrança do ex-governador vive na memória do crime. Os jornais, inevitavelmente, estampam o seu nome sempre associado aos peculiares acontecimentos do presidio. São manchetes do tipo: “Polícia apreende drogas no Harry Amorim”; “Mais um estrangulado no Harry Amorim”; “Harry Amorim amanheceu banhado de sangue”. E por aí vai a homenagem de “grego” que os pedantes arrumaram para o gaúcho.

Agora – meus leitores – morreu o

nosso maior poeta, Manoel de Barros. E o perigo honorífico já ronda a sua imortal memória. É claro que pode haver dignos projetos de homenagem ao mago das letras pantaneiras. Um bom exemplo é o do Aquário Pantanal, indicado por boa alma, para ostentar a grande verve da nossa literatura. Porém, infelizmente, a morte do poeta está ressuscitando também a fatuidade de gente que pretende sepultá-lo na mesma cova perturbadora da qual foi vítima Harry Amorim. Arvoram-se, à luz do dia, fanfarrões proponentes de homenagens medíocres, na verdade, com o indistigável intuito de exaltar mais a si mesmo que o imortalizado poeta. E qualquer preito menor que a obra e a reputação poética de Manoel é desprovido de valor, oportunista, que só irá diminuí-lo e ofender a sua honra.

E antes que se façam essas homenagens de ‘grego’, resta-nos pedir aos precoces mimoseadores: não firam a sensibilidade do grande poeta, colocando o seu nome em eventos e projetos personalistas, bem como em estradas, pontes e demais lugares de ‘risco póstumo’. A honra de Manoel não deve ser utilizada para engrandecer eventos burlescos, de interesses escusos e de caráter duvidoso, assim como não nos trarão boas lembranças notícias dizendo: “Três mortos

em acidente na *Ponte Manoel de Barros*; “Mulher se atira da *Manoel de Barros* e morre no Rio Paraguai”; “Cocaína é apreendida na *Manoel de Barros*”; “*Manoel de Barros* cobra pedágio exorbitante”...

Não, senhores e senhoras. Não produzam fama na honra da magna arte; não afobem suas caricatas ganâncias de notoriedade. A imortalidade do nosso saudoso confrade Manoel de Barros já existe em sua própria poesia. Arrequeçam sua sede de glória vã e a tola psicose de autoria. Não confundam honra com desonra, promovendo – como diria Shakespeare – “uma inexpressível ofensa ao morto”, pois, como bem assevera o Padre Antônio Vieira: “a ofensa ao morto ainda pode subsistir mesmo após a morte.”

Destarte, é sensato que emprestemos o nome do nosso escritor maior a algo que se identifique com ele (escala, biblioteca, teatro, jardim, parque, memorial). E quem não tem nada a acrescentar à honra dele já construída, que se digne a fazer honroso silêncio em sua memória.

Manoel de Barros era discreto, não tinha vaidade, nem pressa, como bem declarou: *“Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis”* e *“Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos”*.

POESIAS

ESELHO

ah
este espelho reflete-me em cada traço
cada gesto
cada cor

na sala, no quarto, no banheiro...
ei-lo sisudo
a
mostrar-me
o semblante
de cada dor.

há
uma dor que me reflete em cada espelho
cada sestro
sem compasso

na sanha da refrega, trafega
sobre tudo
a
prostrar-me
invigilante
em cada passo.

RUBENIO MARCELO

SOL DA VIDA

Como pode um dia assim tão lindo
Se transformar em tarde declinante?...
Como pode este sol daqui a instante
Prantear seu brilho fatalmente findo?!...

Pelo céu da existência decaindo,
Sinto a vida ao ocaso apavorante...
Mas como o sol que é belo agonizante,
Também quero morrer me colorindo...

Se cá se vive e morre uma vez só,
Que em cores minha vida volte ao pó...
Pois não tenho essa sina do sol quente,

Que, se hoje morre e vai-se em noite fria,
Amanhã já renasce em novo dia
E à vida, em luz e cor, vem novamente!

GERALDO RAMON PEREIRA

PÁSSARO DE SEDA
(Impressões e comentários sobre uma moderna aeronave, para a época)

ROSÁRIO CONGRO

Adquiriu o Osvaldo Arantes um elegante “Stimson”.

É um biju.
Pequeno, vaporoso, parece um bibelot feito para uma sala de visitas.

Vi-o de perto quando um garoto, sem nenhum esforço, como se estivesse a empurrar um velocípede, o movia do cantinho que ocupava no hangar.

Não me contive.
Após admirar-lhe a forma, passei-lhe a mão, em carícia, pelo dorso.

Surpresa!
Não era ele metálico, como o Bandeirante!

Neste, quando a “Condor” abria picadas por estes céus escampos, é que o Osvaldo e eu tivemos o batismo aéreo.

A borboleta... nem tanto, o pássaro que ali estava, era de seda!

Cobre-lhe a estrutura, que se diria de barbatanas, a epiderme finíssima de tela.

Pois é neste aparelho assim delicado, casca de noz na imensidão do espaço, que o novo argonauta engole as milhas celestes.

Cansou-se de consertar mata-burros para poder passar.

Coisa prosaica o automóvel...
Hoje, deslizando, sereno, no veludo azul das alturas, o Osvaldo ri-se dos que, cá embaixo, sacolejam os rins por essas estradas ou se cobrem de poeira nos trens da Noroeste, a nossa ferrovia.

Mostrou a sua concepção econômica, própria dos tempos que correm.

Com que facilidade se transporta agora, em pessoa, multiplicando-se no dinamismo das suas atividades!

Quem quer, vai, diz o ditado.

Dentro em pouco, na frutificação de exemplos como este, todo o homem de negócios terá o seu avião de bolso, como já o possuem, de turismo, aqueles para os quais a vida é o manso lago de que nos fala Salusse.

Desaparece o receio, dia a dia.
Não mais se fala do perigo aligeiro.

Geralmente – afirmam-no as estatísticas – os raros acidentes aviatórios são obra da fatalidade, mas esta, quando se apresenta, tanto se apega ao avião, como ao automóvel, ao trem de ferro, ou a uma simples casca de banana.

Mas, como se denomina o avionete de Osvaldo?

Lá está: Cacildo Arantes.

Legenda augural de vitória, é também a emocional homenagem de um filho nobilíssimo.

Confúcio – Filósofo e Avatar do Culto da Razão Moral e dos Antepassados

ANTÔNIO LOPES LINS

No ano 551 antes de Cristo, no reinado de Lu, de quem seu pai era tafu (governador), nasceu Khong-fu-Tseu (mestre, ou dr. Khong) latinizado com o nome de Confúcio. Pertencia a uma antiga família chinesa que entroncava no fundador da dinastia Teheu.

Diz a história que, à semelhança do que havia ocorrido com Krisna e Zaratustra, o que estava ocorrendo com Buddha (de quem é contemporâneo) e aconteceria com Cristo, prodígios acompanharam seu nascimento. Sua infância foi a de uma criança extraordinária e exemplar. Na escola pública se fez notar pela doçura, aplicação e inteligência.

Aos dezessete anos era mandarim, encarregado da distribuição de alimentos. Agiu com tal correção que foi elevado a ministro e inspetor de campos e banhos, com poderes para reformar e inovar, aos vinte anos. O zelo que pôs nessas novas funções foi tal que melhorou a cultura e fez desaparecer do meio dos camponeses a sujeira, a preguiça e a miséria.

Logo depois foi ministro do rei Lou, de luan, de onde saiu para dedicar-se aos estudos, à meditação e ao ensino. Sábio, requestado, logo se tornou mestre consagrado, chegando a ter 3.000 alunos.

Escreveu obras que se converteram nos maiores clássicos chineses: o “To-hio”, ou Grande estudo, o “Chu King”, ou Livro de História, o “Ling-yu”, ou Diálogos Morais, o “Yi King”, ou Livro da adivinhação, e o “Tchunglung”, ou Fixidez do meio.

Era um deísta que não proclamava nenhum culto, sacerdotário ou imagens, que punha Deus como o supremo inspirador da razão e da consciência, do bem e do dever.

A crônica, a morte e o umbigo

MARIA ADÉLIA MENEGAZZO

Drummond observa que entre coisas e palavras – principalmente entre palavras – circulamos. Este é o meu território, é por onde circulo. Vou dialogar, então, com o leitor e com o poeta mineiro. Retomo uma de suas crônicas, “O verbo matar”, do livro “De notícias & não notícias faz-se a crônica”. Para Drummond, se tomarmos o dicionário e abrirmos na letra M, veremos que a chave do temperamento homicida convive no homem com suas tendências mais angelicais. É verbo que se conjuga a torto e a direito. “Não importa que cultive a mansuetude, a filantropia, o sentimentalismo; que redija projetos de paz universal e considere abominações o assassínio e o genocídio. Vive matando”. Na falta do que fazer, ao invés de viver o homem mata o tempo; mata a fome; o estudante mata a aula; o jogador dá xeque-mate, o conquistador cai matando. Mata-borrão, mata-charadas, mata-mosquito. Conclui o poeta: “Se a linguagem espelha o homem, e se o homem adorna a linguagem com tais subpensamentos de matar, não admira que os atos de banditismo [...] a variada tragédia dos dias modernos se revele como afirmação cotidiana do lado perverso do ser humano. Admira é que existam a pesquisa de antibióticos, Cruz Vermelha Internacional, Mozart, o

amor”. Outros tempos, outras necessidades, porém o mesmo sentimento.

Mas para não ficar só nas palavras e nas notícias, no mesmo livro, podemos ler a crônica “Umbigo”, que cita versos libertários de Vinícius de Moraes, criando o verbo “bicicletar”, por exemplo. Apelo à curiosidade do leitor para ler a crônica por completo. Nela, o poeta conta maravilhado, bem-humorado e com ironia o também advento do umbigo à mostra. Mal sabe ele o que vivemos agora! Drummond insinua o verbo “umbigar”: “O poeta não previu o umbigo em expô, mas que poeta pode prever tudo?” Pois é. O poeta não previu também que os homens eleitos por nós para que não se matassem tantos homens quanto se mata o tempo, que outros homens morressem de fome, de falta de escola que garantisse a pesquisa de antibióticos, estão umbigando a si próprios ou matando o umbigo alheio.

Sobre o que falar, então, no momento de tensões extremas que estamos vivendo, em todos os lugares, num tempo de homens partidos? Alguém já disse que os cronistas parecem viver num mundo à parte, fechados em suas casas, como se o mundo não lhes dissesse respeito. Será mesmo? Será que não acrescentamos alguma coisa? Será que contando ou discordando, esperando que outros concordem ou discordem, mudamos alguma coisa? Poderia, talvez, falar dos conflitos no céu e no mar. Mas quem iria garantir Mozart e o amor? O meu ou o seu umbigo?